

OS ITENS DE ESPECIFICIDADE CULTURAL NA TRADUÇÃO DE FROM ANOTHER WORLD DE ANA MARIA MACHADO

Verônica Suhett do Nascimento
vesuhett@gmail.com

1. Introdução

O tradutor é um escafandrista. Mergulha na obra como num mar, impregna-se do estilo do autor e lentamente o vai moldando no barro de outro idioma. (Monteiro Lobato)

Este trabalho nasce a partir do estudo que venho realizando para minha dissertação de mestrado que pretende analisar as obras da literatura infantojuvenil traduzidas para o inglês das escritoras Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado. Em minha dissertação farei um exame das traduções com base no paradigma teórico dos Estudos Descritivos da Tradução com objetivo de: (i) verificar, mediante uma análise contrastiva das estratégias utilizadas nas traduções de itens de especificidade cultural, se essas traduções têm como efeito resultante um apagamento ou uma acentuação dos elementos culturais brasileiros a partir do ponto de vista da cultura receptora, apesar de ser comum esse apagamento quando da tradução de Literatura Infanto-Juvenil e (ii) investigar a imagem do Brasil que é projetada para o público receptor a partir das obras traduzidas, de maneira que se possa avaliar se essas traduções desmistificam ou não as representações culturais estereotipadas do Brasil. Esta análise será aprofundada em minha dissertação de mestrado.

Neste trabalho faço uma revisão dos Estudos Descritivos da Tradução, e aplico o modelo proposto por José Lambert e Hendrik van Gorp (1985) como proposta metodológica para auxiliar a realização de estudos de casos de tradução literárias segundo o paradigma descritivista. O objetivo será a verificação das estratégias utilizadas nas traduções de itens de especificidade cultural em *From Another World* (2005) de Ana Maria Machado, Traduzido por Luisa baeta.

A motivação para a escolha da referida obra foi o fato de ter verificado previamente a presença de diversos itens de especificidade culturais. A história trata de um tema característico da cultura brasileira. A trama se passa em uma cidade do interior do estado o Rio de Janeiro, onde havia grandes fazendas de café cultivadas por escravos até o século XIX.

Ana Maria Machado é uma das mais prolíficas escritoras de Literatura Infanto-Juvenil (doravante LIJ) no Brasil. Em mais de 40 anos de carreira, já publicou mais de 100 livros, com obras também publicadas em mais de 18 países. Os prêmios conquistados ao longo da carreira de escritora também são muitos, tendo sido contemplada em 2000 com o prêmio *Hans Christian Andersen*, considerado o Nobel do gênero. E em 2001, a Academia Brasileira de Letras lhe concedeu o prêmio Machado de Assis, maior prêmio literário nacional, pelo conjunto da obra. Em 2003, Ana Maria foi eleita para ocupar a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras. Pela primeira vez, um autor com uma obra significativa para o público infantil havia sido escolhido para a Academia. A tradutora, Luísa Baeta, filha de Ana Maria Machado, já traduziu outras obras infanto-juvenis do inglês para o português, é design gráfica e fotógrafa e publicou recentemente o livro *Curvo ou Reto: Olhar Secreto* escrito em parceria com a mãe.¹

A LIJ é um gênero marcado por características próprias, o que exige que seu tradutor conheça essas características. Veremos as características principais que definem a LIJ como gênero literário apontadas pela pesquisadora irlandesa, Eithne O'Connell (2006, p. 17), além dos princípios da tradução de LIJ propostos por Zohar Shavit (2006, p. 26).

Primeiramente, apresento os fundamentos teóricos e metodológicos deste trabalho. A seguir faço resumo a teoria dos polissistemas, elaborada por Itamar Even-Zohar (1990), e a posição da literatura traduzida no polissistema literário, e mostro as contribuições dos estudos descritivos de tradução, cujo um dos nomes mais importantes é o de Gideon Toury (1980, 1995a, 1995b, 1998). Após esse re-

¹ Fonte: <http://www.anamariamachado.com/biografia>

sumo apresento os mecanismos de controle propostos por André Le-fevere (2007), e o modelo metodológico elaborado por José Lambert e Hendrik van Gorp (1985) para auxiliar no desenvolvimento de pesquisas descritivas no campo da tradução literária.

Em seguida, discorro sobre o conceito de itens de especificidade cultural de Javier Aixelá (1996) e a proposta de reformulação de sua classificação das estratégias de tradução desses itens por Carla M. Bentes (2005), que associa as estratégias às tendências domesticadoras e estrangeirizadoras vinculadas à Lawrence venuti (2002). Passo então ao tratamento dado ao *corpus*, do livro *Do Outro Mundo*, à análise a nível micro-estrutural e aos resultados obtidos a partir do estudo quantitativo das estratégias empregadas na tradução em *From Another World*. Finalizo o artigo com minhas considerações finais sobre este trabalho.

2. A teoria dos polissistemas e o polissistema literário

Por iniciativa de um grupo de pesquisadores em tradução literária, surgem no princípio dos anos de 1970 os estudos descritivos da tradução (*Descriptive Translation Studies* – DTS. O pesquisador israelense Itamar Even-Zohar a é referência desse processo. O objetivo inicial de Even-Zohar foi elaborar uma base teórica que fosse capaz de explicar as características da história da literatura israelense e das traduções literárias realizadas nessa cultura. Tendo como base o Formalismo russo e o Estruturalismo tcheco, o pesquisador opôs-se à postura normativista que era adotada até então nos estudos das traduções literárias. Even-Zohar propôs que a tradução fosse estudada i-senta de julgamento de valor.

Even-Zohar elabora a teoria dos polissistemas, na qual insere a literatura em uma rede de sistemas mais ampla – o da cultura –, o das artes, religião, a política etc. Esses sistemas estão localizados hierarquicamente, e em constante tensão na busca por uma posição central. Essa tensão, impulsionada pela condição dinâmica dentro de cada sistema, favorece a evolução de um polissistema ao mesmo em tempo que impede sua estagnação. Para compreender melhor as características desses polissistemas vejamos o que pesquisador conceitua como *sistema*, com base no Funcionalismo Dinâmico, “a rede de

relações que pode ser considerada como hipótese para um dado conjunto de supostos observáveis ('ocorrências'/'fenômenos')² (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 27) e *polissistema* como "um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas que se cruzam uns com os outros e se sobrepõem parcialmente, que utilizam opções simultaneamente diferentes, mas que funcionam como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes"³ (*Ibidem*, p. 11).

3. *A posição da literatura traduzida no polissistema literário*

Even-Zohar (1990, p. 46) argumenta que as obras traduzidas se correlacionam de duas maneiras: na forma em que os textos são selecionados pela literatura-alvo para serem traduzidos e em função de como as traduções usam o repertório da cultura alvo de forma que se relacione com os textos dessa cultura. Essas questões não estão confinadas apenas ao nível linguístico. A literatura traduzida, dentro dessa teoria, não é só um sistema integral dentro de um polissistema literário, mas um sistema mais ativo dentro dele. O autor questiona então qual seria o posicionamento da literatura traduzida dentro do sistema literário, e afirma que alguns podem deduzir que pela posição periférica da literatura traduzida nos estudos da tradução, ela também ocupa uma permanente posição periférica no polissistema literário, o que não é o caso.

Segundo a teoria de Even-Zohar o polissistema de literatura traduzida pode ocupar uma posição mais periférica ou mais central no polissistema literário. Pode exercer pouca influência no sistema, cumprindo a função de instrumento de conservação do repertório canônico, tendendo a produzir traduções que se afastem dos modelos e normas da cultura de origem ajustando-se aos moldes já existentes na cultura de chegada para que dessa forma sejam mais bem recebidas no sistema. Em outras situações pode ocupar uma posição mais central no polissistema literário exercendo um uma maior influência,

² the network of relations that can be hypothesized for a certain set of assumed observables ('occurrences'/'phenomena')

³ a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent

importando repertórios e modelos de outras culturas, sem se prender ao cânone local, contribuindo dessa maneira para a transformação da cultura receptora, isso é visto em culturas jovens ainda com pouco repertório próprio ou em situações de crise e mudanças de posicionamento nos sistemas. Quando assume uma posição central no processo de criação de novos modelos, a principal preocupação do tradutor não é de olhar apenas para os modelos pré-fabricados em no repertório da cultura no qual os textos serão transferidos. Ao invés disso ele irá violar convenções. Em tais circunstâncias as mudanças fazem com que a tradução se aproxime do original em termos de *adequação*, não buscando obter a *aceitabilidade* do grupo que detém o poder no sistema. Como veremos adiante, os conceitos de *adequação* e *aceitabilidade* são explorados por Gideon Toury. Para Even-Zohar,

Do ponto de vista da literatura-alvo as normas adotadas na tradução podem ser muito estranhas e revolucionárias, e se essa nova tendência for derrotada na luta literária, a tradução feita de acordo com suas concepções, nunca ganharão terreno. Mas se a nova tendência é vitoriosa, o repertório (código) da literatura traduzida pode ser enriquecido e se tornar mais flexível.⁴ (1990, p. 50)

Nessas circunstâncias, não apenas o *status* sócio-literário da tradução depende de sua posição dentro do polissistema, mas a própria prática da tradução é subordinada a essa posição. E a questão do que venha a ser uma obra traduzida não poderá ser respondida fora de um contexto sócio-histórico. Nesse ponto de vista, “a tradução não é apenas um fenômeno no qual natureza e fronteiras são dadas de uma vez por todas, mas uma atividade que depende das relações dentro de um dado sistema cultural”⁵ (*ibidem*, p. 52). Even-Zohar afirma que a maioria das hipóteses da teoria de tradução é “emprestada” de outras áreas, porém, não significa dizer que não haja um estu-

⁴ From the point of view of the target literature the adopted translational norms might for a while be too foreign and revolutionary, and if the new trend is defeated in the literary struggle, the translation made according to its conceptions and tastes will never really gain ground. But if the new trend is victorious, the repertoire (code) of translated literature may be enriched and become more flexible.

⁵ Seen from this point of view, translation is no longer a phenomenon whose nature and borders are given once and for all, but an activity dependent on the relations within a certain cultural system.

do da tradução autônomo. Uma vez que a tradução é concebida nos princípios sistêmicos, torna-se uma disciplina independente. Além disso, a tradução é também um processo em que os resultados são produzidos por sua própria natureza. É a própria atividade de tradução, que dirige o indivíduo para tomar certas decisões (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 77). As especificidades da tradução são determinadas relações dentro do polissistema alvo. Em vista do que foi dito, Even-Zohar propõe uma lei geral da tradução:

Em um sistema de destino B, quer dentro do mesmo polissistema ou em um polissistema diferente - dependendo se ele está estável ou em crise, e se é forte ou fraco, em relação a um sistema fonte A - um texto-alvo b será produzido de acordo com os procedimentos de transferência mais as coerções que lhes são impostas pelas relações internas do polissistema-alvo, tanto as que regem quanto as que são regidas pelo repertório de funções existentes e não existentes do polissistema-alvo. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 78)⁶

De acordo com Carolina Alfaro de Carvalho (2005, p. 37), o modelo proposto por Even-Zohar “traça um complexo mapa de relações dinâmicas entre sistemas e forças de naturezas e intensidades diversas, desde um contexto mais macro, como as coerções exercidas por outros sistemas pertencentes a uma cultura [...] até níveis minuciosos de análise dos objetivos, estratégias e soluções de traduções específicas”.

Depois de uma revisão crítica da teoria dos polissistemas literários e da posição da literatura traduzida nesse, quero revisar de forma breve os DTS e o conceito de normas.

4. Os estudos descritivos (DTS) e o conceito de normas

Os DTS, apoiados na noção de sistema, visam compreender o comportamento do subsistema da literatura traduzida. Sem formar um único grupo e espalhados por diversas partes do mundo, os estudiosos descritivistas compartilham vários pressupostos teóricos. A-

⁶ In a target system B, either within the same polystem or in a different polystem – depending on whether it is stable or in crisis, and whether it is strong or weak, vis-à-vis a source system A – a target text b will be produced according to transfer procedures plus the constraints imposed upon them by the intra-target-polystem relations, both governing and governed by the target-polystem repertoire of existing and non-existing functions.

lém da noção de literatura como algo dinâmico e complexo (Hermans, 1985). Dessa forma, o estudioso descritivista não se restringe apenas à verificação do grau de equivalência entre original e tradução, mas, sobretudo, procura descobrir a posição de uma tradução dentro do sistema literário da língua alvo.

Outro importante nome nos DTS é o também israelense Gideon Toury. Toury, influenciado pela teoria de Even-Zohar. Toury estabeleceu em *In Search of a Theory of Translation* (1980), as principais reivindicações, conceitos e objetivos dos estudos descritivos da tradução. Toury adota a visão sistêmica de Even-Zohar para a tradução. E não se restringe ao polissistema literário e nem exclusivamente à tradução literária, mas, porém, os estudos mais importantes acabam por tratar da tradução literária (TOURY, 1998). Toury não parte de uma concepção pré-estabelecida do que seja tradução, podendo dessa forma considerar como objeto de estudo todo texto que aceite como tradução em uma dada cultura. O pesquisador desenvolve uma metodologia para o estudo de traduções baseado no conceito de *norma*. Segundo Toury, as normas que governam o processo tradutório são percebidas para além dos limites dos textos,

As atividades de tradução deveriam ser consideradas como tendo significado cultural. Consequentemente, a ato de traduzir, principalmente, deve ser capaz de desempenhar um papel social, ou seja, cumprir uma função atribuída por uma comunidade. [...] A aquisição de um conjunto de normas para determinar a adequação desse tipo de comportamento, [...] é, portanto, um pré-requisito para se tornar um tradutor dentro de uma determinada cultura. (1995a, p. 53)⁷

Antes de apresentar melhor o conceito de normas, farei um relato sobre o funcionamento sistêmico da tradução e a metodologia que Toury propôs para o estudo dessa atividade de acordo com o paradigma defendido por ele, conhecido como *target oriented*. Para Toury (1995b), geralmente, a necessidade da tradução é determinada pela cultura-alvo, pois é ali produzida com o propósito de ocupar um lugar ou preencher alguma lacuna nesse sistema. O mesmo ocorre

⁷ Translation activities should rather be regarded as having cultural significance. Consequently, translatorship' amounts first and foremost to being able to *play a social role*, i.e., to fulfil a function allotted by a community [...] The acquisition of a set of norms for determining the suitability of that kind of behaviour, [...] is therefore a prerequisite for becoming a translator within a cultural environment.

quando a tradução é realizada ou imposta pela cultura de origem – como ocorre muitas vezes com obras literárias brasileiras, que são traduzidas aqui para então serem exportadas para outras. Em outras palavras, é a partir da cultura-alvo que é se pode constatar se um determinado texto é tratado como uma tradução, e a partir daí a pesquisa pode ter início.

Apesar de ter seu foco na cultura alvo e na tradução, Toury não exclui de sua abordagem o texto e a cultura de partida, e nem o processo de produção da tradução, porém julga apropriado considerar o sistema-alvo em primeiro lugar, pois é esse que rege todo o processo da tradução.

Segundo Toury (1995a, p. 54), na sua dimensão sócio-cultural, podemos descrever a tradução como sujeita a coerções de diversos tipos e graus diferentes. Estes vão muito além do texto-fonte, as diferenças culturais ou mesmo limitações do tradutor como um mediador. Em termos de potência, limitações sócio-culturais têm sido descritas ao longo de uma escala ancorada entre dois polos: em geral, de um lado as regras relativamente absolutas, de outro, idiosincrasias. Entre estes dois polos encontram-se as normas. As fronteiras entre os vários tipos de coerções são, portanto, difusas.

As normas operaram não só na tradução em si, mas em todas as fases que envolvem o ato de traduzir e, portanto, são refletidas em todos os níveis do seu produto. Toury (1995a, p. 58) distingue dois grandes grupos de normas aplicáveis à tradução: preliminar *vs.* operacional.

As normas preliminares têm relação com dois conjuntos principais de considerações que muitas vezes são interligadas: as que dizem respeito à existência e à natureza de uma política de tradução, e as que estão relacionadas diretamente à tradução. As primeiras referem-se diretamente aos fatores que governam a escolha do texto a ser importado através da tradução em determinada cultura, em determinada época. Segundo Toury (1995a, p. 58) essa política existe na medida em que a escolha não é aleatória. E as que estão diretamente relacionadas à tradução

As normas operacionais, por sua vez, orientam as decisões feitas durante o ato de tradução. Essas normas afetam o texto. Go-

vernam – direta ou indiretamente – as relações entre o texto alvo e o texto fonte.

As normas preliminares precedem os operacionais. Isso não quer dizer que não existam relações entre ambas. No entanto, essas relações não são fixas e/ou determinadas. No entanto, de acordo com Toury (1995a, p. 60), podemos seguramente assumir que essas relações têm a ver com a norma inicial, que segundo o autor, é constituída pelas escolhas básicas feitas pelo tradutor (1995, p. 56). Outro importante fator a ser considerado é o conceito dos polos de adequação e aceitabilidade. A adoção de normas do sistema de origem na tradução de determinado texto determina a adequação do mesmo ao sistema de origem; já a adoção de normas do sistema da cultura-alvo determina sua aceitabilidade nessa cultura.

Segundo Toury (1998, p. 17), é importante compreender que as normas propriamente ditas não são verbalizadas. Elas podem ser menos ou mais explícitas. As mais explícitas, em geral, são enunciadas na forma de regras, com o objetivo de sistematizar ou controlar o comportamento dos membros de um grupo. De acordo com o autor, a explicitação por meio de enunciados não reflete estritamente a natureza das normas, pois neles estão também implicados os interesses de quem os verbalizam. De modo geral, ao nível de explicitação, podemos entendê-la como uma gradação, no polo mais fraco estão as *convenções*, que são mais difusas ou obscuras, e, no polo mais forte, estão as *regras*, que são explicitamente enunciadas. Entre os dois polos situam-se as normas, com uma variação ampla entre os dois extremos.

As normas variam com o tempo, e entre os (sub)sistemas de uma cultura, permeando culturas diferentes, adquirindo graus distintos de generalização e coerção de acordo com as características de cada sistema, das instituições e pessoas que o integram e de suas relações de poder. Algumas normas ganham poder enquanto outras o perdem; normas bem estabelecidas em um contexto podem ser novidades em outro ou mesmo já obsoletas num terceiro (TOURY, 1998, p. 17).

5. *Os mecanismos de controle*

Os pressupostos teóricos apresentados por Even-Zohar e Toury buscam descrever os mecanismos de controle empregados por aqueles que detêm o poder de forma a manter-se no centro dos sistemas. Vimos que grupos e instituições que ocupam posições centrais tendem a ditar seus valores e sua ideologia ao sistema por meio de normas.

André Lefevere (2007), pesquisador belga vinculado aos estudos descritivos de tradução, se ateve mais às forças que atuam nos sistemas e às estruturas de poder que os caracterizam. Procurou compreender e explicitar as relações de poder e influência entre os integrantes do polissistema literário, atendo-se particularmente à tradução literária e a outras formas de reescrita de textos provenientes de outros sistemas – tais como resumos, resenhas, críticas, citações e referências, assim como o uso de fragmentos dos textos com diversas finalidades.

Lefevere (2007) classifica os mecanismos de controle em dois tipos que se relacionam: um interno e outro externo ao polissistema literário. Internamente, os profissionais da área literária – como críticos, revisores, professores e tradutores – são considerados responsáveis por selecionar os produtos literários segundo o repertório canônico e a ideologia dominante no sistema. O mecanismo de controle externo é o que Lefevere denomina *mecenato*, que, segundo o autor são as pessoas e instituições que impõem coerções sobre a literatura de uma cultura. Ele explica:

Os mecenas tentam regular a relação entre o sistema literário e os outros sistemas que, juntos, constituem uma sociedade, uma cultura. Como regra geral, eles operam através de instituições montadas para regular, senão a escritura de literatura, pelo menos sua distribuição: academias, departamentos de censura, jornais de crítica e, de longe o mais importante, o estabelecimento de ensino. (2007, p. 35)

Lefevere divide o *mecenato* em três componentes: ideológico, econômico e de *status*. O componente ideológico “age restringindo a escolha e o desenvolvimento tanto da forma quanto do conteúdo” (2007, p. 35); o componente econômico garante a produção cultural a partir do pagamento que o mecenas garante a escritores e reescritores; e o *status* está ligado ao reconhecimento do profissional. Ao sistematizar os mecanismos de controle dessa forma, Lefevere facilitou

sua compreensão. As obras, os autores e reescretores que se alinham à ideologia dominante e a reforçam tendem a obter em troca vantagens econômicas e posições de prestígio nos sistemas dos quais fazem parte. Em contrapartida aqueles que não concordem com a ideologia dominante, terão os fatores econômicos e de *status* a enfraquecê-los e mesmo agindo na transformação das ideologias dissidentes.

6. O modelo metodológico aplicado aos estudos descritivos

A partir dos paradigmas teóricos desenvolvidos por Even-Zohar e Toury, José Lambert e Hendrik van Gorp (1985) propuseram um modelo sintético e prático que vem a ser uma importante ferramenta para os estudiosos descritivistas. Os textos de Even-Zohar e Toury apresentam o funcionamento dos sistemas e os métodos de estudo de maneira a tender à generalização e à abstração. A metodologia proposta pelos pesquisadores toma por base as relações sistêmicas e as informações contextuais, e consiste basicamente em transitar entre o nível macroestrutural – apresentação e estrutura geral do texto, normas iniciais que regem o texto traduzido como um todo – e o nível microestrutural – estrutura interna do texto e diversas estratégias e escolhas linguísticas, estilísticas e tradutórias. A partir de observações no nível macroestrutural são formuladas hipóteses que são verificadas através de análises realizadas no nível micro-textual. A análise micro-estrutural levará também à formulação de hipóteses mais específicas a serem confirmadas voltando-se a observar a estrutura macroestrutural e sistêmica do texto. Lambert e van Gorp consideraram a inviabilidade de serem analisados todos os componentes micro-estruturais, e recomendaram que sejam selecionados fragmentos para serem estudados sob diferentes perspectivas estruturais.

O principal objetivo desse método é revelar as normas que atuam em produtos específicos e, de maneira geral, na atividade tradutória do polissistema literário de uma cultura como um todo. Este objetivo é atingido conectando-se, de forma sistemática, os vários aspectos observados nas traduções. Os autores destacam a importância de estudos em larga escala:

Não podemos analisar apropriadamente traduções específicas se não levarmos em consideração outras traduções pertencentes ao(s) mesmo(s) sistema(s) e se não as analisarmos em vários níveis micro e macroestruturais.

turais. Não é de todo absurdo estudar um único texto traduzido ou um só tradutor, mas é absurdo desconsiderar o fato de que essa tradução ou esse tradutor tem conexões (positivas ou negativas) com outras traduções e outros tradutores. (LAMBERT e VAN GORP, 1985, p. 51)⁸

O modelo em questão compreende as quatro etapas a seguir:

- (i) *Dados preliminares*: título, paratextos (diagramação da capa, quarta-capa, orelhas, presença ou não da indicação de que se trata de uma tradução, gênero, nome do autor, nome do tradutor), metatextos (prefácio, ensaios, críticas etc. sobre a obra) e estrutura geral da tradução.
- (ii) *Nível macroestrutural*: divisões do texto, títulos de capítulos e seções, estrutura narrativa, estratégia global da tradução.
- (iii) *Nível microestrutural*: seleção vocabular, estruturas gramaticais, formais e estilísticas, tipo de narrativa, modalização, registros etc.
- (iv) *Contexto sistêmico*: relações macro e micro-sistêmicas do texto estudado (normas e modelos), relações com outros textos (originais e traduzidos) naquele sistema, relações intersistêmicas.

Como o propósito deste trabalho será a verificação das estratégias utilizadas nas traduções de itens de especificidade cultural em *From Another World* (2005) de Ana Maria Machado, penso que será relevante a utilização do segundo e do terceiro estágio do modelo proposto por Lambert e Van Gorp (1985).

Finalmente, parece importante ressaltar a característica essencial da análise proposta por Lambert e Van Gorp (1985) que assume importância também para esta pesquisa. O texto traduzido precisa ser estudado em contexto. Ou seja, a comparação entre as obras – original e tradução – é importante desde que seja acompanhada de uma

⁸ We cannot properly analyze specific translations if we do not take into account other translations belonging to the same system(s), and if we do not analyze them on various micro- and macro-structural levels. It is not at all absurd to study a single translated text or a single translator, but it is absurd to disregard the fact that this translation or this translator has (positive or negative) connections with other translations and translators.

análise da função da obra traduzida no seu novo contexto: o país e o público leitor estrangeiros.

No próximo capítulo apresento as características da conceituação de itens de especificidade cultural apresentadas por Javier Aixelá (1996) e sua classificação das estratégias de tradução desses itens. Apresento também a reformulação dessa classificação proposta por Bentes (2005) e a conexão que a pesquisadora faz dessas estratégias às tendências domesticadoras e estrangeirizadoras de Lawrence Venuti (2002).

7. *Itens de especificidade cultural*

O estudioso espanhol Javier Aixelá (1996), em seu artigo *Culture's specific itens in Translation* discorre sobre os itens de especificidade cultural em tradução (culture-specific itens – doravante CSI). Sabendo-se que a tradução “mescla” diferentes culturas Aixelá fala sobre a instabilidade de poder a qual a tradução está sujeita (1996: 52), uma instabilidade que depende em grande parte, do peso da cultura exportadora em relação à cultura receptora. Como cada tradução estará inserida em um novo contexto cultural, é importante compreender que cada comunidade linguística tem a sua disposição uma série de hábitos, julgamento de valores, sistemas classificatórios etc. Dessa forma, o tradutor deverá lidar com essa variedade de fatores criados pela cultura.

É notório o papel fundamental que a transferência cultural desempenha na tradução, a assimetria linguística entre duas comunidades é refletida no discurso de seus membros. Segundo Aixelá (1996: 54) diante das diferenças impostas pelo *outro*, a tradução utiliza uma ampla gama de estratégias que variam da conservação a naturalização. Aixelá passa então a definir os itens de especificidade cultural, e primeiramente mostra o senso comum sobre os itens de especificidade cultural.

São normalmente expressos em um texto por meio de objetos e de sistemas de classificação e medição cuja utilização é restrita à cultura de

origem, ou por meio da transcrição de opiniões, e a descrição de hábitos igualmente alheios à cultura receptora.⁹ (*Ibidem*, p. 56)

Aixelá (1996, p. 56-57) diz que o problema em se estudar os aspectos culturais da tradução é como elaborar um instrumento adequado para as análises, e a dificuldade está no fato de tudo em uma língua ser produzido culturalmente, a começar pela própria língua. O autor segue dizendo que é comum identificar os CSIs com os itens relacionados a áreas mais arbitrárias de cada sistema linguístico – instituições locais, ruas, figuras históricas, nomes de lugares, nomes próprios etc. – que geralmente apresentam dificuldade à tradução. Aixelá diz que essa dificuldade se dá pela lacuna cultural, forçando o tradutor a expandir suas perspectivas (1996 p. 57). O autor diz que, em geral, ao se falar em referências culturais evita-se qualquer definição, seu significado é então atribuído a uma intuição coletiva. Aixelá afirma que essa opção acarreta uma “armadilha” dupla: uma arbitrariedade excessiva, e o que acredita ser mais importante, o caráter estático, em conjunto com a ideia de fixidez do CSI, independente das línguas envolvidas ou da função do texto. No entanto, é notório aos estudos da tradução o caráter dinâmico dos CSIs, e o fato de que dois itens não conservam a mesma relação ao longo do tempo.

Segundo Aixelá (*Ibidem*, p. 57), em tradução não existe um CSI por si só, mas como resultado de um embate decorrente de qualquer referência linguisticamente representada em um texto fonte que, ao ser transferido para a língua-alvo, traz dificuldades para a tradução, devido à inexistência ou o valor diferente do determinado item na cultura da língua-alvo.

Embora o autor não trate de conceitos como estrangeirização e domesticação, vinculados a Lawrence Venuti (1995), recorrerei a eles para me referir às categorias apresentadas por Aixelá, pois serão de grande valia para minha análise. Como domesticação compreendem-se as estratégias que levam ao apagamento, na tradução, dos elementos estrangeiros presentes em um texto, sendo a estrangeirização o oposto.

⁹ Are usually expressed in a text by means of objects and of systems of classification and measurement whose use is restricted to the source culture, or by means of the transcription of opinions and the description of habits equally alien to the receiving cultures.

Para o estudo dos CSI, Aixelá (1996, p. 59) propõe uma divisão entre duas categorias básicas: nomes próprios e expressões comuns (termo que inclui os objetos, as instituições, hábitos e opiniões características a cada cultura e que não podem ser incluídos na categoria dos nomes próprios). O autor ainda aponta para o senso comum de tradução de nomes próprios, os quais já possuem uma tradução pré-estabelecida, porém, ainda segundo o autor, os nomes próprios continuam indefinidos, o que se torna claro ao estudarmos as hesitações que afetam os gêneros secundários, tais como a literatura infantil.

Seguindo o pensamento do teórico Theo Hermans, os nomes próprios podem ser divididos em duas categorias: os *convencionais* e os *motivados*. Os Convencionais são aqueles que não possuem um significado próprio; e os motivados são aqueles que podem variar de nomes e apelidos vagamente sugestivos até os mais explícitos, e incluem nomes ficcionais ou não ficcionais. Como exemplo de nome motivado, em *Do Outro Mundo* de Ana Maria Machado (2002), o personagem Sinhô Peçanha é conhecido por Coronel Peçanha:

- Peçanha, a senhora quer dizer... – corrigiu Terê.
- Não, peçonha, veneno. Como uma cobra venenosa, um bicho peçonhento.
- Mas ele se chamava Peçanha, não?
- Ah, isso eu não sei. Só sei o que meu pai me contou [...], a gente pode chamar ele de Coronel Peçonha.
- Pode ser Sinhô Peçanha?

Em seu artigo, Aixelá (1996, p. 60) diz que por razão de buscar uma eficácia metodologia acredita ser conveniente agrupar as possíveis estratégias para a tradução dos CSIs. Reconhece, no entanto, que sua classificação não pretende fazer uma descrição objetiva e sem. Dessa forma, o autor classifica as estratégias de tradução dos CSIs a partir de um menor para um maior grau de manipulação intercultural. Aixelá propõe uma primeira divisão em dois grupos separados pela natureza de (a) conservação ou de (b) substituição. Subdividindo-as da seguinte maneira (*Ibidem*, p. 61):

(a) Conservação	(a.1) Repetição
	(a.2) Adaptação ortográfica
	(a.3) Tradução linguística
	(a.4) Glosa extratextual
	(a.5) Glosa intratextual

(b) Substituição	(b.1) Sinonímia
	(b.2) Universalização limitada
	(b.3) Universalização absoluta
	(b.4) Naturalização
	(b.5) Exclusão
	(b.6) Criação autônoma

A seguir, apresento as definições de Aixelá para cada estratégia.

7.1. Conservação

7.1.1. Repetição

O termo original é mantido – grifado ou não. E é o caso do tratamento dado a maioria dos topônimos. Segundo o autor, apesar de parecer paradoxal, esse “respeito” aumenta a característica exótica ou arcaica do item.

7.1.2. Adaptação ortográfica

Essa estratégia compreende processos de transliteração, e são utilizadas principalmente quando o termo original está expresso em um alfabeto diferente ao usado pelos leitores da cultura-alvo. Como o exemplo do grego para o português:

7.1.3. Tradução linguística (ou tradução não cultural)

Essa estratégia parte do suporte de traduções pré-estabelecidas na língua de chegada ou da transparência linguística, o tradutor escolhe uma referencia muito próxima àquela do texto-fonte, aumentando sua compreensão oferecendo ao público alvo uma versão facilmente reconhecida como pertencente ao sistema cultural do texto-fonte. Exemplos em inglês e espanhol retirados do texto de Aixelá (p. 62)

7.1.4. Glosa extratextual

Essa é uma estratégia combinada, pois, o tradutor usa uma das estratégias mencionadas acima, porém considera ainda ser necessário oferecer algum tipo de informação extra ao leitor. No entanto acredita não ser conveniente incluir a explicação no texto, portanto utiliza nota de rodapé, glossários, textos explicativos entre parênteses, em itálico etc.

7.1.5. Glosa intratextual

Semelhante a estratégia anterior, porém o tradutor a glosa como parte integrante do texto, em geral, não interrompe a leitura.

7.2. Substituição

7.2.1. Sinonímia

Essa estratégia baseia-se, geralmente, em questões de estilística. O tradutor recorre a algum tipo de sinônimo ou similar para evitar a repetição do CSI. É comum a substituição de ocorrências de pronomes pessoais retos pelos nomes do personagem ou vice-versa.

7.2.2. Universalização limitada

Em princípio, o tradutor acredita que o CSI é bastante obscuro para o leitor. Dessa forma, ele substitui o termo por outro item da cultura-fonte que seja mais próximo do leitor.

7.2.3. Universalização absoluta

Semelhante ao caso anterior, porém, o tradutor não consegue encontrar um item melhor ou prefere apagar qualquer conotação estrangeira. Dessa forma, escolhe um item neutro.

7.2.4. *Naturalização*

O tradutor decide trazer o CSI para o contexto da cultura alvo. É uma estratégia comum na literatura infantil, além do caso de personalidades históricas com traduções pré-estabelecidas.

7.2.5. *Exclusão*

O tradutor considera o CSI ideológica ou estilisticamente inaceitável, ou apenas não acreditar ser relevante para o leitor, ou mesmo é tão obscuro que decide nem mesmo utilizar o recurso de uma glosa, notas explicativas etc. Desta forma, o tradutor opta por excluir o CSI do texto traduzido.

7.2.6. *Criação autônoma*

Segundo Aixelá, essa estratégia é pouco usada pelo tradutor. Nessa estratégia, o tradutor decide acrescentar algum tipo de referência cultural ao texto.

Aixelá (1996, p. 64) conclui a descrição de sua classificação das estratégias de tradução dos CSI dizendo que há outras estratégias em potencial como a *compensação* (exclusão + criação autônoma em outro ponto do texto, mas, com efeito, similar), *deslocamento* (deslocar o mesmo item para outra parte do texto), ou *atenuação* (por motivos ideológicos o termo é atenuado por outro considerado mais adequado). A atenuação é, segundo Aixelá, uma excelente estratégia para traduções de gírias ou literatura infantil. O autor também reconhece que a utilidade metodológica da inclusão de tais estratégias terá de ser determinada por um estudo mais aprofundado de textos reais.

8. *Proposta de reformulação do modelo de Aixelá (1996) por Bentes (2005)*

A pesquisadora Carla Melibeu Bentes, em sua dissertação de mestrado (2005) propõe uma reformulação da classificação de Aixelá (1996) devido à dificuldades encontradas pela autora em classi-

ficar os CSIs identificados em sua pesquisa do romance *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares. Desta forma, Bentes excluiu algumas categorias, reavaliou o papel das remanescentes, e acrescentou outras. Além de ter classificado as estratégias como estrangeirizadoras, domesticadoras, ou ambas, segundo a proposta de Venuti (2002).

Optei por utilizar o modelo reformulado de Bentes (2005) por acreditar que irá atender melhor aos propósitos de minha pesquisa.

Reproduzo aqui a classificação proposta por Bentes (2005: 67). Porém, mantive a estratégia “glosa extratextual” de Aixelá (1996) por melhor classificar os CSIs que em *From Another World* aparecem em um glossário. Como na estratégia da glosa extratextual o tradutor repete o CSI e explica seu significado no glossário, está caracteriza uma tendência estrangeirizadora.

Estratégia		
(a) Tendência domesticadora	(b) Tendência estrangeirizadora	(c) Tendência estrangeirizadora e domesticadora (híbrida)
1. Tradução integral de nome próprio	1. Repetição	1. Glosa intratextual
2. Tradução linguística	2. Glosa extratextual*	2. Tradução parcial de nome próprio
3. Naturalização		
4. Exclusão		
5. Tradução explicativa		

Essa estratégia não havia sido incluída na tabela de Bentes (2005), “importei” das estratégias de Aixelá (1996).

Bentes define as novas categorias de sua reformulação da seguinte forma:

- Tradução de nome próprio: para a tradução “de elementos textuais que remetem a topônimos e a nomes próprios, como publicações e estabelecimentos culturais (bares, livrarias, teatros etc), instituições, agências e órgãos públicos.” (Bentes, 2005: 63). Essa categoria é subdividida em parcial e integral.
- Tradução explicativa: “é uma estratégia de tradução na qual se explica mais que se ‘universaliza’ (Bentes 2005: 65)”. Há uma reformulação do CSI do texto-fonte. O tradutor omite ou reformula com suas próprias palavras o termo estrangeiro que pouco ou nada comunicará ao leitor da cultura alvo.

No capítulo seguinte discorro, primeiramente, sobre o tratamento dado ao *corpus*, e em seguida falo sobre o livro *Do Outro Mundo*. A partir daí faço uma análise a nível micro-estrutural desse *corpus*, e apresento os resultados obtidos no estudo quantitativo das estratégias empregadas na tradução. Com base nesses resultados faço minhas considerações finais deste trabalho.

9. O tratamento do corpus

Passo agora a uma descrição do tratamento dado a obra estudada.

Após selecionar *Do Outro Mundo* de Ana Maria Machado e sua respectiva tradução *From Another World* passei à leitura integral do texto em português registrando os CSI e a página em que localizava em uma tabela. Em seguida, li sua tradução em inglês de forma a identificar as ocorrências desses itens, e também registrá-los na tabela comparativa. Foram identificados CSI relacionados a nomes próprios, lugares, culinária, instituições, religião, personalidades histórica etc.

Com os dados da tabela, montei uma tabela com a síntese dos resultados a fim de projetá-los em gráficos do tipo pizza para melhor visualização.

Considerando o caráter ainda inicial desse trabalho em relação a minha pesquisa para a dissertação de mestrado, acredito que essa tabela ainda será ampliada a partir de uma revisão mais detalhada do *corpus*.

10. Do outro mundo

A obra escolhida para análise nesse trabalho foi *Do Outro Mundo* de Ana Maria Machado. A autora é uma das mais importantes escritoras da LIJ no Brasil. *Do Outro Mundo* foi seu segundo livro traduzido para o inglês. A história se passa no interior do estado do Rio de Janeiro na atualidade. Alguns amigos vivem uma intrigante aventura ao se depararem com o espírito de uma menina que havia sido escrava na fazenda onde hoje é o sítio dos pais de uma das cri-

anças. A menina narra para as crianças a história daquele lugar durante o final da época da escravidão no Brasil. As crianças compreendem a partir dessa narração todo o sofrimento da escravidão no Brasil. Rosário, a menina escrava, pede às crianças para resolverem um mistério antes de se despedir delas.

Com uma narração simples, a autora apresenta à criança um novo mundo, rico de experiências, além de tratar de temas importantes como a liberdade e o respeito ao próximo.

A obra foi escolhida por tratar de um tema bem brasileiro e apresentar uma riqueza de CSIs para serem analisados.

11. Original e tradução: nível microestrutural

Preparei uma tabela com todos os CSIs da obra para que a partir dela possa verificar de que maneira foram distribuídas as estratégias de tradução desses itens. Devido a inviabilidade de apresentar a tabela completa neste artigo, apresentarei a seguir apenas um pequeno exemplo retirado da tabela completa.

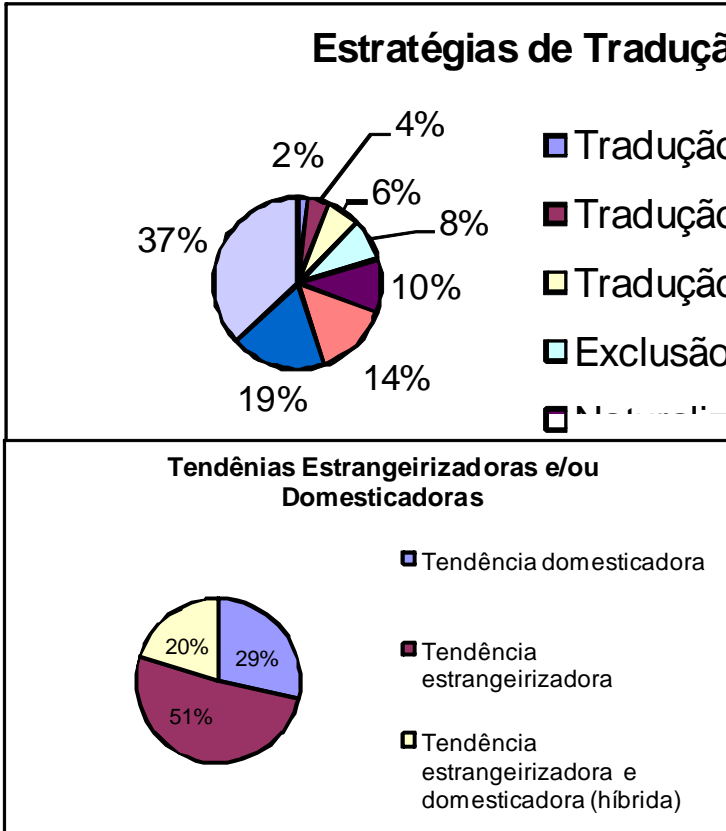
<i>Do Outro Mundo</i>	<i>From Another World</i>	Estratégia tradutória segundo a classificação de Aixelá (1996)	Observações
[...] Meu nome é <i>Mariano</i> . [...] (p. 6)	[...] My name is <i>Mariano</i> . [...] (p. 10)	Repetição	Observa-se que a estratégia usada para a tradução dos nomes próprios foi a repetição.
[...] mas não tem <i>cachoeira</i> nenhuma, tem só um riozinho claro [...] (p. 8)	[...] But even though <i>Cachoeirinha</i> means little waterfall, there's just a clear creek [...] (p. 11)	Glosa intratextual	Faz-se necessário a explicação do nome da cidade, já que a compreensão de seu significado é importante para a compreensão do leitor.
[...] <i>Campinho do Feijão</i> (ele mesmo, o grande artilheiro do Campeonato Nacional [...] (p. 8)	[...] on <i>Feijão Field</i> . It's named after the great soccer player from the National League [...] (p.12)	Tradução parcial de nome próprio	Observa-se que a tradução do nome próprio foi parcial, sendo que "campo" é um substantivo que tem tradução para o inglês.
[...] ia se matricular num curso de <i>hoteleria do Sebrae</i> . [...] (p. 12)	[...] was enrolling in a <i>hotel management course</i> . [...] (p. 17)	Exclusão	O autor opta por excluir o nome da instituição.
[...] e o galo e umas	[...] and the big	Glosa extratex-	Essa é uma estratégia

frangas <i>carijós</i> [...] (p.18)	<i>carijó</i> rooster and chickens [...] (p. 23)	tual	combinada, o tradutor fez uso de repetição, mas julgou necessário oferecer uma explicação ao leitor. Essa explicação é dada no glossário no final do livro.
[...] relampejava para os lados da <i>Pedra Negra</i> . [...] (p. 28)	[...] There was some lightning around the <i>Pedra Negra mountain</i> . (p. 29)	Glosa intratextual	Ao inserir <i>mountain</i> , o tradutor explica ao leitor do que se trata o topônimo.
– <i>Vixe!</i> ... Nem me diz uma coisa dessas...[...] (p. 36)	“ <i>Sister!</i> Don’t even say such a thing. [...] (p. 51)	Naturalização	O tradutor decide trazer o CSI para o contexto da cultura alvo.
– Que ponte? – estranhou Rosário. – Aquela <i>pinguelinha?</i> [...] (p.55)	“What bridge?” said Rosario. “That <i>little thing?</i> [...] (p. 78)	Tradução explicativa	

12. Estudo quantitativo das estratégias empregadas no corpus

Apresento a seguir tabela com a síntese dos resultados obtidos a partir da tabela com os CSI, e a representação gráfica desses valores. Com base nesses valores posso tirar conclusões importantes para a minha pesquisa.

Estratégias	Quantidade
Tendência domesticadora	14
Tradução integral de nome próprio	0
Tradução linguística	2
Naturalização	5
Exclusão	4
Tradução explicativa	3
Tendência estrangeirizadora	25
Repetição	18
Glosa intratextual	9
Glosa extratextual	7
Tendência estrangeirizadora e domesticadora (híbrida)	10
Tradução parcial de nome próprio	1



A partir dos números, pode observar que a estratégia mais empregada em *From Another World* foi a Repetição, com 38% das ocorrências, e na tabela com os CSI pode verificar que essa foi a estratégia utilizada para a tradução de todos os nomes próprios e os topônimos da obra, com o adendo de que, na ocorrência de substantivos acompanhando esses nomes e topônimos, esses foram igualmente repetidos – como exemplos temos: *Dona Carlota*, *Rio Pardo*, entre outros. Falamos anteriormente como essa estratégia tende a estrangeirizar o texto, provocando estranhamento no leitor. A glosa intra-

textual e a glosa extratextual vêm a seguir com 18% e 14% respectivamente somando-se a estratégia de Repetição dos CSIs.

Ao somarmos as estratégias com tendência estrangeirizadora (51%) às estratégias com tendência híbrida (20%) obteremos um total de 71% das ocorrências, o que nos faz perceber que é a representação cultural do Brasil que se faz projetar nessa tradução. A manutenção dos elementos culturais do texto-fonte permite retratar outra cultura ao seu leitor. Cabe então, levantar uma questão, que efeito essa estratégia terá sobre seu público alvo leitor já que se trata de uma obra destinada ao público infanto-juvenil?

A pesquisadora Zohar Shavit (2006, p. 26) diz que o princípio da tradução em LIJ permite ao tradutor uma liberdade maior com relação ao texto, para que o mesmo possa manipulá-lo de diversas maneiras, modificando-o, condensando-o ou mesmo ampliando-o. Esses procedimentos são permitidos para se manter os dois princípios em que a tradução de LIJ se baseia: um ajuste do texto para que este se adeque à exigência social (o livro como instrumento educacional), e um ajuste da trama, dos personagens e da língua para que se adequem ao nível de leitura e compreensão da criança.

Associando a conclusão de que os dados de minha análise sobre a tradução dos CSIs em *From Another World* mostram que as estratégias de tradução adotadas na obra são em sua maioria de tendência estrangeirizadora, aos princípios sobre a tradução de LIJ postulados por Zohar Shavit, percebi que a tradução da obra se contrapõe a esses princípios. Nesse caso, uma tendência estrangeirizadora em uma obra voltada ao público infanto-juvenil pode dificultar a recepção do texto. Esse fato se dá, a meu ver, devido ao menor grau de conhecimento de mundo desse leitor, gerando lacunas durante a leitura que podem trazer dificuldades na sua compreensão. Por outro lado, essa estratégia permite que haja um diálogo entre culturas, podendo promover um enriquecimento cultural. No entanto, para que isso ocorra de forma eficaz, acredito ser necessário um acompanhamento dessa leitura por um leitor mais experiente – pais ou educadores –, para que a finalidade da aquisição desses novos elementos culturais possa se dar de forma mais eficaz.

13. Considerações finais

Neste trabalho busquei, de forma breve, revisar e exemplificar as teorias e dos Estudos Descritivos da Tradução, traçando um panorama histórico desde seus princípios na década de 1970 com a teoria dos polissistemas literários de Itamar Even-Zohar (1990). E a importância da proposta de investigação das normas que governam o processo tradutório de Gideon Toury (1995a), fazendo com que o estudo descritivista não se restringisse apenas à verificação do grau de equivalência entre original e tradução.

Falo na sequência, sobre os mecanismos de controle classificados por Lefevere (2007): um interno e outro externo ao polissistema literário, e passo a uma descrição do modelo proposto por José Lambert e Hendrik van Gorp (1985) como proposta metodológica para auxiliar a realização de estudos de casos de tradução literárias segundo o paradigma descritivo.

Como o objetivo deste trabalho era a verificação das estratégias utilizadas nas traduções de itens de especificidade cultural em *From Another World* (2005) de Ana Maria Machado, descrevo a proposta de classificação das estratégias de tradução dos CSIs de Javier Aixelá (1996), e a reformulação proposta por Bentes (2005) que utilizei neste trabalho para avaliar a tradução da obra.

Passsei então, ao tratamento dado ao *corpus*, que foi, após leitura integral do texto em português e o devido registro dos CSI em uma tabela, e a leitura de sua tradução em inglês de forma a identificar as ocorrências desses itens, e também registrá-los, e analisá-los de acordo com a classificação das estratégias de tradução dos CSIs e com o conceito de estrangeirização e domesticação, vinculados à Lawrence Venutti (1995).

Pude então verificar, a partir de dados quantitativos dos percentuais das estratégias de tradução dos CSIs, que houve uma forte tendência estrangeirizadora na tradução de *From Another World* (MACHADO, 2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIXELÁ, Javier Franco. Culture-Specific Items in Translation. In: ALVAREZ, Román; VIDAL, Carmen-África. *Translation, Power Subversion*. Clevedon, Philadelphia/Adelaide: Multilingual Matters, 1996, p. 52-78.
- CARVALHO, Carolina Alfaro de. *A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor*. Dissertação de Mestrado, Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem studies. *Poetics today*. Tel Aviv, v. 11, n. 1.nov. 1990, p. 9-78
- HERMANS, Theo. On Translating Proper Names, with Reference to De witte and Max Havelaar. In: WINTLE, Michael. (Org.). *Modern Dutch Studies*. London: Athlone, 1988, p. 11-13.
- LAMBERT, Jose. & VAN GORP, Hendrik. On describing translations. In: HERMANS, Theo. (Org.). *The manipulation of literature*. London: Croom Helm, 1985, p. 42-53.
- LEFEVERE, André. *Tradução, reescritura e manipulação da fama literária*. Bauru: EDUSC, 2007.
- MACHADO, Ana Maria. *Do outro mundo*. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. *From Another World*. Toronto: Groundwood Books, 2005.
- SHAVIT, Zohar. Translation of Children's Literature. In: LATHEY, Gillian. *The Translation of Children's Literature: a reader. Topics in Translation: 31*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2006, p. 25-40.
- TOURY, Gideon. *In search of a theory of translation*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.
- _____. The nature and role of norms in translation. In: *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins. 1995a.
- _____. The notion of “assumed translation” – an invitation to a new discussion. In: *Letterlijkheid, woordelijkheid (literality, verbality)*. BLOEMEN, H.; HERTOOG, E.; SEGERS, W. (Eds.). Antwerpen-Harmelen: Fantom, 1995b.

_____. A handful of paragraphs on “translation” and “norms”. *Translation and norms*. SCHÄFFNER, C. (Ed.). Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução*. Trad. L. Pelegrin, L. Marcelino Villela, M. Dias Esqueda, V. Biondo. São Paulo: EDUSC, 2002.